



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

A jornalista Bruna Suptitz representa o Jornal do Comércio no 19º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, evento da Abraji, que acontece até domingo em São Paulo. Bruna participa de painel sobre a cobertura da catástrofe climática no RS. A titular da coluna Pensar a cidade ainda vai debater sobre imprensa e conselhos municipais.



TÂNIA MEINERZ/JC

O trem da água

O que chama a atenção do popular? Pode estar pensando no tempo que vai levar para aparecer o trem no túnel da esquerda. Uma região que continua alagada e coberta por areia é o bairro Navegantes, na altura do acesso às pontes e da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes. O interior está tomado por água e areia, então, até o trem poder chegar à Estação Central vai levar um tempo. Não só para limpar a área, mas recolocar trilhos e sensores eletrônicos ao longo do caminho. O Trensurb é o Aeroporto Salgado Filho da Região Metropolitana.

General Motors e o futebol colombiano

O futebol foi usado como tema para descontração durante a solenidade de anúncio de investimento de R\$ 1,2 bilhão da General Motors (GM) na fábrica de Gravataí. Com a dupla Gre-Nal em baixa, o tema foi lembrado em função da vitória da Colômbia sobre o Uruguai. O presidente da GM América do Sul, Santiago Chamorro, é colombiano, e estava todo pimpão com a classificação da sua seleção para a final da Copa América.

Azar de urubu I

Quando urubu está de azar, o de baixo faz cacaca no que voa em cima. Temos um aeroporto fechado, um trem metropolitano funcionando a meia boca, pontes e mais pontes caídas e, agora, o vão móvel da ponte do Guaíba vai ficar dois meses fora de operação.

Azar de urubu II

Moradores de Eldorado do Sul, mas não só eles, temem que a viagem de ida e volta para Porto Alegre tenha ainda mais demora. Eles perguntam se a segunda ponte vai dar conta do recado. Bueno, em tese sim, mas que vai ter água no chope, lá isso vai.

Varas verdes

Mesmo quem gosta do inverno está revisando sua posição. A chuva e a umidade aumentam a sensação de frio. Certa vez o folclorista Paixão Côrtes me disse que nas campareadas se dizia que batia “a lichiguana”, uma espécie de vespa que bate freneticamente as asas. Também se usava a expressão “tremia como vara verde”, para a tremedeira com frio.

HISTORINHA DE SEXTA

As luzes da cidade

Vocês não têm ideia como a capital gaúcha era vista nos anos 1950 e 1960, especialmente para adolescentes e jovens. Falo pela minha geração. Quando era criança, em São Vendelino, a cidade grande deixava a gurizada de olhos arregalados. Eu mesmo participei de trilhas que levavam ao Morro Canastra, de onde à noite, com céu claro, se avistava a claridade de Porto Alegre. O efeito era o mesmo de mariposa dando volta ao redor de um bico de luz, extasiadas que ficavam agitando freneticamente as asas. Então nós sonhávamos em vê-la de perto, quem sabe morar nela. A mais de 130 quilômetros de distância, com estradas ruins de chão batido, fim de semana nem pensar.

Quando a visitei pela primeira vez, com 7 ou 8 anos, não dormi na noite anterior. Cedinho o pai preparava o Dodge, calibrava os pneus, enchia o tanque e deixava o motor aquecer. Da porta, a mãe acenava desejando boa viagem com algum receio.

Quando entramos na avenida Farrapos botei a cabeça para fora e arregalei os olhos com a sucessão de prédios, esquinas, o asfalto duradouro de cimento na época, as sinalizas, o trânsito e a montoeira de pessoas nas calçadas. Em São Vendelino eu via quando muito três ou quatro veículos por dia, incluindo o ônibus do seu Kurt Backes. Na Capital, era um atrás do outro e em fila dupla! A primeira parada era na esquina onde ficava o Bazar Central, no 4º Distrito; a uma quadra dali, na Franklin Roosevelt, também chamada de avenida Eduardo, meu tio Edmundo Weissheimer e a tia Sílvia tinham um armazém de secos e molhados; no letreiro lia-se “Armazém Edmundo, o Terror da Zona”. No lado oposto, a casa com um amplo jardim em horta cercados por um simulacro de cerca. Toda aberta, mas sem temer ladrões.

O 4º Distrito era um charme só. Orgulhava-se de não depender do Centro para nada, tinha até Carnaval e Natal próprios com profusa decoração, além do eternamente eleito vereador Aloísio Filho. Havia até um grupo de teatro, o Grupo dos 16, com primos e primas no elenco. Adiante a Sociedade Gondoleiros, famosa por seus carnavais. Na copa, o ecônomo, seu Heinz. Perto da esquina com a Moura Azevedo, o dono de uma farmácia colocou um jacaré pequeno em laguinho ao lado interno da vitrine, encimado por um letreiro “atende-se dia e noite”. Foi a forma de chamar atenção dos passantes.

Nas viagens subsequentes o bairro foi meu xodó. Adiante ficava a Sociedade Polonesa. Perto do armazém Edmundo comia-se pernas de rã no Recreio Avenida, da família Tagliassuchi. O pai e tios tomavam chope debaixo de um caramanchão. Chope preto no inverno, claro, fora dele, sempre empilhando bolachas para o garçom fazer a conta. Eu ia junto, mas piá não dava palpite, apenas ouvia atentamente as histórias dos mais velhos, especialmente sobre longas e tenebrosas viagens Rio Grande do Sul afora.

Certo dia, do caramanchão caiu um maranduvá no sanduíche do meu tio, mas essa já é outra história.

Inovação no conceito de **residência sênior** de alto padrão em **Porto Alegre.**

atenção e cuidado
DISRUPTIVOS

ESPAÇOS PARA socialização E LAZER

longevidade
COM QUALIDADE

📍 Rua Carlos Huber, 173 | POA-RS
www.magnotresfigueiras.com.br